

246 12.

NARRAÇÃO
DA ARRIBADA
DAS
PRINCEZAS AFRICANAS
AO PORTO DESTA CAPITAL DE LISBOA,
SEU DESEMBARQUE PARA TERRA,
ALOJAMENTO
NO PALACIO DAS NECESSIDADES,
HIDA PARA QUÉLUZ,
SEU EMBARQUE,
E VOLTA PARA TANGERE
ESCRITA
PELO P. FR. JOÃO DE SOUSA
RELIGIOSO DA CONGREGAÇÃO DA TERCEIRA ORDEM DA
PENITENCIA, INTERPRETE DE S. MAGESTADE
PARA A LINGUA ARABICA.



LISBOA:
NA OFF. DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.
1793.
*Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame,
e Censura dos Livros.*

222
NARRACAO
DA
PRINCEZAS AFRICANAS

AO PORTO DESTA CAPITAL DE LISBOA
SEU DESEMBARQUE PARA TERRA
ALVAMENTO

NO PALACIO DAS NECESSIDADES

HIDA PARA QUELUS

SEU EMBARQUE

E VOLTA PARA TANGERE

ESCRITA

PELO P. P. JOAO DE SOUSA

RELIGOSO DA CONGREGAÇÃO DA TERRA A ORDEM DA

RESIDENCIA, INTERPRETE DE S. MAGELNDE

PARA A LINGUA AFRICA



LISBOA:

NA OFF. DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

1793

Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame
e Correção dos Livros.

SECRETARIO DE LA REAL ACADEMIA DE LAS CIENCIAS

A O

PRINCIPE NOSSO SENHOR

D.

ياسيد ذو غايه الجلال

اما بعد تقبل ايادي عظامكم الشريفة
اقبل واصغر خدامكم يهدي لجنابكم
العالي هذه التقدمة الدنية مشتملة على
وصول الاميرات الافريقيات الي مرسى هذه
المدينة الذي صدر في ثالث عشر من شهر
تموز سنة 1793 وتحتوي على الامور المشهورة
والصادرة في تلك الايام وكل ما شاهدته
ووقفت عليه وجمعت اليها بعض اشياء
مناسبة وموافقة لمراد متخذت من معرفتي
لطبع هذه الناس ومعاشرتي لهم منذ سنين
كثيرة بسبب وضعتي القاييم بها بترجمة
لسان العربي في هذه المملكة من زمان
حكم جدك السعيد السلطان يوسف
الاول ولاكن بعد ما رايت ان اخبار
الشايعة كانت مختلفة وصار بها زود ونقص
عما جري وكل واحد نقلاها كما
كانت تتشبه له بعقله فالتزمت ان اجمع
المرسومات التي حرتهم ووافقت بهن

SERENISSIMO SENHOR.

A PEQUENA offerta que me animo a pôr na Augusta Presença de VOSSA ALTEZA, he huma Narração da arribada das Princezas Africanas ao Porto desta Capital no dia 13 de Fulbo do presente anno de 1793, contendo tudo quanto succedeo de consideravel naquelles dias, e a que fui presente pelo emprego, que occupo no serviço de V. A.; com a mistura de alguns outros conbecimentos meus proprios, que devo ao trato, e versação de muitos annos com estas gentes desde o Reinado Felicissimo do Augusto Avô de V. A., que no emprego de Interprete para a Lingua Arabica sirvo esta Monarquia. Por isso mesmo que as noticias que se espalbarão erão diversas, e cada hum pintava os successos segundo as suas idéas, podendo muito bem este caso parecer para o futuro huma aventura, (e com effeito he

هذه القصة كما تبسر لسي لكي في
 زمان الاتي لا تظهر خرافة وتذكر ايضا
 في توارىخ هذه البلاد لانها قصة غير
 مذكورة قط فلجل ذلك وجب علي ترتيبها
 وتقدمها ليعين يديك الشريفة لتكون
 شهادة للاوقار والاحترام لعظم جلالكم
 وللمعرفتي للاحاسان والاكرام الذي شرفته وبني
 به بتلك الايام فاقبلها اذا ابها
 الامير ذو غااية الجلال من هذا الخديم
 الراغب بشخدمتكم بكل جهده وقوته
 والاداعي لكم بطول العمر والسعادة
 الكاملة

من خديكم

البادري يوحنا دة سوزة

NARRAÇÃO DA ARRIBADA DAS PRINCEZAS

ARRIBADAS AO PORTO DE TASSOA EM 1592.

*P*or a morte do Imperador de Marrocos Saad Mahomet Ben Abdal Ben Molei Ismael, seu filho Molei Eliazid ha succedido ao Throno, e não sem exemplo na *Historia Portugueza*) procurei reduzir os apontamentos, que por mera curiosidade fazia, a esta breve Narração, que tenbo a honra de pôr nas Reaes Mãos de *V. A.*, para ser ao mesmo tempo testemunho do meu animo agradecido ás muitas Honras, e á *Affabilidade* verdadeiramente Real, com que *V. A.* em todos aquelles dias me tratou.

Receba por tanto *V. A.* este tenue offerecimento de hum fiel vassallo, que dezeja empregar todas as suas forças, e toda a sua possibilidade no serviço honroso do seu Soberano.

De VOSSA ALTEZA

O mais humilde criado

Fr. João de Sousa.

sem exemplo na Historia Portuguesa) pro-
 curar reduzir os apontamentos, que por meza
 curiosidade fuzia, a esta breve Narração, que
 tempo a pouco de por nos Rees. Mãos de
 V. A. para ser no mesmo tempo testemunho
 do meu animo agradecido ás muitas Honras,
 e á Affabilidade verdadeiramente Real, com
 que V. A. em todas aquellas dias me tratou.
 Receda por tanto V. A. este breve of-
 fercimento de hum fiel conselho, que dezoito
 empregar todas as suas forças, e toda a sua
 possibilidade no serviço honroso do seu Soberano.

DE VOSSA ALTEZA

© mais humilde criado
 Fr. João de Souza.

NARRAÇÃO DA ARRIBADA DAS PRINCEZAS
AFRICANAS AO PORTO DE LISBOA EM 1793.

PELA morte do Imperador de Marrocos Sidi Mahomed Ben Abdalá Ben Molei Ismael, seu filho Molei Eliazid lhe succedeo no Throno, não obstante a vontade do pai ser, que Molei Abdessalam occupasse o Regio Assento. Este porém estando quasi cego de ambos os olhos (molestia que adquirio na peregrinação de Meca), e querendo viver pacifico, cedeo do direito que por esta eleição lhe competia, posto não ser o mais velho dos quatorze Irmãos (1) que o pai deixou: e não só se não oppôz á aclamação de Eliazid, mas antevendo as perturbações futuras, que semelhantes mudanças trazem consigo, se retirou com a sua familia para a Provincia de Tafilét (viven-da das Viuvias, e Filhos dos Imperadores defunctos).

Achando-se Molei Eliazid Senhor do dilatado Reino de Marrocos, adquirido tambem com a morte de alguns vassallos ricos, e poderosos, e com

(1) Molei Abderrahman; Molei Háxem; Molei Eliazid (já he fallecido); Molei Abdessalam (cego); Molei Salema; Molei Hceén; Molei Solcimán; Molei Hassán; Molei Abdelcarim; Molei Abdelcader; Molei Muça; Molei Ettaieb; Molei Omar; Molei Ebrahim.

dadivas feitas a outros, como forão os Berberes das montanhas, se fez acclamar em Fés, Mequinés, e na maior parte das Cidades, e Villas maritimas. E sendo costume naquelle Paiz hir o Soberano depois da sua acclamação tomar posse de cada hum das Cidades de seu Reino, e fazer-se nella reconhecido por verdadeiro, e legitimo Senhor, este Principe deixou de hir a Marrocos, tendo-o os seus moradores mandado por tres vezes comprimentar, e convidar, para que fosse tomar posse daquella Cidade, e suas Provincias.

Como este Principe era moço, de genio guerreiro, e queria que ficasse seu nome memoravel, foi facil deixar-se persuadir das suggestões dos Sacerdotes Mahometanos, que lhe disserão, haver entre elles hum Profecia, que das partes do Oriente viria hum Príncipe por nome Eliazid, e que este seria o restaurador da Praça de Ceuta, e quem expulsasse os Christãos daquelle Reino. E como Molei Eliazid pouco tempo havia que tinha vindo de Meca, melhor o persuadirão dizendo: » Em vós, Senhor, se verifica a Profecia; porque » o vosso nome he Eliazid, e viestes do Levante. »

Movido Eliazid destas, e de outras persuasões, declarou a guerra a Hespanha, e pôz o sitio á Praça de Ceuta, e aos tres Presidios Melila, Pinnon, e Alcosemas. Durou o cerco perto de dous annos com alguns intervallos, e suspensão de hostilidades, em quanto se tratava da entrega da dita Praça, e Presidios, ou de que lhe pagassem tributo annual.

A Côrte de Madrid , que não aceitou nenhuma das duas indecorosas condições , buscou os meios mais convenientes para distrahir aquelle Principe pertinaz , valendo-se de Ahmed Ben Nácer , Governador rico , e poderoso da Provincia de Ducála , e de Safí , a quem mandou dinheiro , armas , e petrechos de guerra , para que fizesse acclamar o outro Irmão Molei Háxem em Marrocos , onde naquelle tempo vivia ; o que assim acconteceo com o consentimento dos moradores daquella Cidade , e das Provincias circumvisinhas .

Acclamado Molei Háxem em Marrocos , e dividido o Reino , começárão as desordens entre os povos ; já os caminhos cortados , já as Provincias em guerra humas contra as outras , seguindo humas o partido de Eliazid , outras o de Háxem . E crescendo as perturbações , e os partidos que de dia em dia se hião augmentando , rezolveo-se por fim Molei Eliazid a voltar as armas contra seu Irmão Háxem ; e deixando parte do campo á vista de Ceuta , marchou com o resto da sua tropa para Marrocos .

Certificado Háxem da vinda de seu Irmão Eliazid , o foi esperar no campo , e avistados os dous exercitos travárão batalha , na qual Molei Háxem ficou derrotado , sendo o exercito d'elle muito maior que o de Eliazid ; mas este recebendo tres feridas de bala em huma perna , depois de entrar em Marrocos , e fazer a mais cruel carnagem no povo daquella Cidade , no fim de res dias perdeo a vida .

A primeira noticia que se divulgou no Paiz

foi , que ambos os Irmãos tinham perecido na batalha . A esta voz Molei Salema , que se achava nas visinhanças de Tangere , sem aguardar mais , se fez acclamar : passados porém alguns dias soube-se , que Hákem era vivo , e que o morto fôra Molei Eliazid .

Os moradores de Fés , e Mequinés não quizerão reconhecer nenhum dos dous Irmãos Hákem , e Salema , mas acclamárão a Molei Soleimán , que nesse tempo vivia em Fés ; e deste modo achavão-se tres Irmãos acclamados em diversos sitios .

Molei Salema situado no meio dos dous Irmãos , falto de dinheiro para sustentar o seu partido , e pagar á tropa ; receoso ao mesmo tempo de ser accomettido por algum dos Irmãos , resolveo-se a desistir da sua Regia Authoridade , e se retirou para hum Santuario nas montanhas de Tetuão , onde se tinha acolhido depois da morte de seu pai .

Apossado Molei Hákem do Reino de Marrocos , e sendo Irmão por pai e mai de Molei Abdessalam , este o foi buscar , e congraçou-se com elle , como quem nada queria do governo . Por esta acção lhe deo Molei Hákem o governo do Porto de Mogador , e suas visinhanças , para que com o rendimento delle tivesse com que se sustentar .

Persistio este Principe quasi hum anno naquelle governo ; mas vendo que seu Irmão Hákem se tinha entregado ao vinho , agua-ardente , e anfião (opio) , e que nenhum cuidado lhe devia o governo

do seu povo, nem as perturbações, que cada dia se augmentavão; e que pela sua má conducta, e inacção se tinha feito odioso a todos os seus vassallos, se retirou para o Porto de Santa Cruz, por ser o mais remoto, e pertencer á Provincia de Sús.

Correo o tempo, e creseeo o odio dos vassallos contra Háxem pela continuada embriagues, e pelas violencias, que os póvos soffrião na honra, e fazenda, até que os mesmos escreverão a Molei Soleimán, convidando-o para que viesse tomar posse daquella Cidade, protestando-lhe a sua obediencia, e vassallagem. Vendo Molei Abdessalam isto, e que sem dúvida Molei Soleimán seria o vencedor, sahio com dous mil homens da Provincia de Sús, e se foi unir com este contra Háxem, atravessando os desertos de Tafilét, para não passar pelas terras de Marrocos, nem ser sentido; deixando recomendada a conducção das suas Mulheres, Concubinas, e mais familia ao Arraes (1) Ahmed Scarige, a quem escreveu a Carta seguinte.

(1) Este Arraes sendo Judeo de nação, Oriundo de Africa, chamava-se Elião Liale. Servio de Escrivão da Fazenda na vida do Imperador defuncto: e como Molei Eliazid tirou a vida a todos os Judeos que servião a seu pai, em cujo numero era este Arraes comprehendido, para melhor segurar a vida, abjurou a sua Lei Moisaica, e abraçou a Mahometica. Não se dando ainda por seguro, a pezar de ter mudado de Religião, retirou-se para Santa Cruz, onde esteve, até que Molei Abdessalam se servio do seu prestimo, e por fim lhe confiou a conducção da sua familia.

» Em nome de Deos Clemente, e Mi-
 » sericordioso.

» Ordenamos ao nosso servo Ahmed Scarige,
 » que no dia Sabbado dous de Ramadán se faça
 » á vella para o porto de Salé, em nome do
 » Altissimo Creador, e em sua santa paz, e benção,
 » a qual seja derramada sobre nós, e vós outros.
 » Se porém o vento vos não ajudar para conti-
 » nuardes a vossa viagem, e vos virdes obrigados
 » a buscar algum porto, para nelle vos refugiardes,
 » seja algum das Potencias com quem temos paz,
 » principalmente a Portugueza, por ser a sua ami-
 » zade mais constante, e de nós bem conhecida.
 » Pelo que se o tempo vos obrigar a tomar algum
 » porto pertencente á Grande Rainha de Portugal,
 » estamos certos que pela amizade que entre a
 » nossa, e sua Côrte subsiste, vos mandará hos-
 » pedar, e tratar muito bem, como os seus servos
 » Governadores dos ditos portos igualmente farão.
 » Com esta receberéis outras três (em branco) sella-
 » das com o nosso nobre Sello. E no caso de vos
 » demorardes em algum dos sobreditos portos, e
 » a necessidade vos obrigar a valer de alguma
 » cousa do Paiz, nos avisareis dessa despeza, para
 » nós a satisfazermos aos seus Consules que residem
 » nos nossos Dominios; pois estamos certos, que
 » não vos recusarão o que lhes pedirdes, nem vos
 » prohibirão a vossa entrada, nem a sahida dos seus
 » portos. Com vosco devem desembarcar, quando
 » isto succeda, seis dos nossos criados, e a nossa

» Arifa (a Camareira). A paz seja com vosco.
 » Foi escrita no primeiro de Ramadán de 1207
 » da Hegira. » (Corresponde aos 12 de Abril
 de 1793.)

Em virtude da sobredita Carta, fez o Arraes embarcar as Mulheres do Principe, Concubinas, e mais comitiva em hum pequeno Navio que Moléi Abdessalam havia comprado em Santa Cruz, e no dia 13 de Abril se fez á vella, dirigindo a sua viagem para o porto de Salé. Como porém o tempo lhes fosse contrario, arribarão á Ilha da Madeira; onde forão muito bem recebidos, e obsequiados pelo Governador della nos dias que alli estiverão. E vendo o mesmo Governador o aperto em que estavam no pequeno Navio em que tinham vindo, afretou-lhes outro por conta da Fazenda Real, para se dividirem, e virem com mais commodidade.

Melhorado o tempo fizeram-se á vella tomando o rumo do seu destino; porém poucos dias depois por causa dos ventos contrarios forão obrigados a buscar a Ilha de S. Miguel, para onde arribarão duas vezes; achando-se da segunda vez que ahi aportarão faltos de agua, e mantimentos, com a perda de huma embarcação sua naquella mesma occasião, salvando-se porém toda a gente. E como a Princeza Laila Amina, e huma das Concubinas se achavão gravemente doentes, foi-lhes necessario (por conselho do Medico) desembarcarem para terra; onde estiverão vinte, e oito dias em casa do Juiz de Fóra, até convalecer a primeira, tendo fallecido a Concubina.

Depois de fazerem aguada na dita Ilha, e se fornecerem dos mantimentos de que estavam faltos, se fizeram á vella, e continuárão a sua derrota até o dia treze de Julho, em que entrárão na bahia de Cascaes, faltos de agua, e mantimentos, hum dos Navios fazendo agua, e o outro com o mastro rendido.

DA bahia de Cascaes foi escrita huma Carta por ordem da Princeza Amina ao nosso Consul Geral dos Estados Marroquinos Manoel de Pontes, para que lhe fosse fallar; o que fez, depois de o fazer saber ao Ministro de Estado da Marinha e Dominios Ultramarinos, o Excellentissimo Martinho de Mello e Castro, a quem, quando voltou, deo parte do que lhe fora communicado, e da necessidade em que se achava aquella comitiva; pelo que o dito Ministro mandou, que no dia seguinte, quinze de Julho, entrassem: impedindo porém a Torre de Belém, fundiáraõ abaixo della, em quanto se deo parte. No dia 16 entrárão, e derão fundo defronte do caes de Belém, conservando-se naquelle sitio até que daqui partirão. Nesse mesmo dia 16 se lhe acudio com agua, e mantimentos, o que se continuou em todo o tempo da sua estada a bordo.

Na 5.^a feira 18 do mesmo mez, foi o P. Fr. João de Sousa mandado a bordo do Navio em que vinha o Arraes, para tratar com elle sobre certas recommendações que o Ministro de Estado lhe incumbio. Na pratica que teve com o Arraes lhe disse

disse elle, que dezejava fallar com aquelle Ministro, a fim de lhe communicar certos negocios da parte da Princeza sua Senhora, e pedir-lhe juntamente licença para hir a Quéluz entregar huma Carta, que a mesma Princeza tinha escrito á Rainha nossa Senhora, e pôr tambem huns papeis nas mãos do Principe nosso Senhor. Voltou o P. Fr. João, e relatou a S. Excellencia o que tinha ouvido ao Arraes: do que resultou determinar elle, que viesse o Arraes no dia seguinte para lhe fallar; o que se não effectuou no mencionado dia, por embaraço que este Ministro Regio teve, transferindo a visita para o dia seguinte, Sabbado, 19 de Julho.

Pelas dez horas do dia indicado foi o P. Fr. João de Sousa a bordo, e trouxe o Arraes; e com elle foi a Casa do dito Ministro, com quem o Arraes teve larga conferencia, e nella se ajustou a hida a Quéluz. No fim da conferencia o convidou para jantar com elle, obsequio que o Arraes aceitou. De tarde se despedio, e com muita satisfação se recolheu a bordo, fazendo primeiro passagem pelo Navio onde estavam as Princezas; a quem deo conta do que tinha passado com o Ministro de Estado, e da determinação da sua hida a Quéluz.

Desde o dia vinte até vinte e quatro houverão varios recados do Arraes, e do Ministro de Estado, communicados de parte a parte pelo P. Fr. João, sobre o desembarque das Princezas para terra, em quanto se mandavão concertar os Navios em que tinham vindo; offerecimento que nunca as ditas Princezas quizerão aceitar, dizendo, que o

seu desejo era o retirarem-se ao seu Paiz com a brevidade possível; e que, como o Navio em que ellas tinhão vindo da Ilha da Madeira era affretado por conta da Fazenda Real, podia aqui ficar, e a sua passagem para Tangere ser em outro que tivesse melhores accommodações.

A^a vista da repugnancia que as Princezas mostravão em não quererem desembarcar, determinou o Secretario de Estado que fosse o Arraes com o P. Fr. João de Sousa, em companhia do Chefe de Divisão Antonio José de Oliveira, para verem que Navio da Praça lhes agradava, e assim se lhes affretar, e nelle fazerem a sua passagem e transporte para Tangere; o que tudo se executou no dia seguinte vinte e cinco do mez.

Neste dia depois de terem hido a bordo de tres Navios, e nelles examinado as accommodações, assentárão que fosse o chamado Asia, por ser o melhor, mais aceado, e ter duas camaras alta, e baixa. Isto concluido, voltárão ambos; o Arraes para bordo do Navio das Princezas, a quem deo conta da escolha da embarcação para o seu transporte a Tangere, e o P. Fr. João de Sousa para casa do Ministro de S. Magestade, a quem participou o que se tinha passado no exame dos Navios, e a escolha do mencionado Asia (o qual estava carregado para o Maranhão): pelo que se affretou para deitar os passageiros em Tangere, e seguir depois a derrota do seu destino.

No outro dia vinte e seis, estando o Excellentissimo Conde de S. Lourenço de semana ao Principe nosso Senhor, lhe foi entregue hum Re-

querimento (1), para o haver de pôr na presença do mesmo Senhor, com huma Carta da Princeza Africana escrita á Rainha nossa Senhora; na qual dava parte a S. Magestade do muito bem que tinha sido tratada, e obsequiada em casa do Juiz de Fóra da Ilha de S. Miguel, pedindo á mesma Senhora contemplasse aquelle Ministro, com o despacho correspondente aos beneficios que lhe havia feito durante o tempo que em sua casa estivera.

Recebendo S. Alteza a Carta, e vendo que era escrita em idioma Arabico, mandou ao seu Camarista, que por hum Aviso mandasse chamar ao P. Fr. João para a traduzir, o que o dito P. fez tanto que recebeu o Aviso. Traduzida a Carta, e sciente S. Alteza do conteudo della, foi servido mandar-lhe responder com expressões assás energicas, dando-lhe juntamente a certeza do despacho do Juiz de Fóra, em contemplação da sua Real Recommendação: cuja resposta trouxe o sobredito P. Fr. João quando voltou de Quéluz, e por se recolher tarde fez della entrega no dia seguinte, com a qual ficou S. Alteza Marroquina muito satisfeita, e obrigada ao Principe nosso Senhor.

Constando nessa mesma occasião a S. Alteza pelo sobredito P., que o Arraes lhe desejava beijar a mão, e entregar outros papeis da parte da Prin-

(1) O Requerimento foi entregue ao Camarista por Fr. Luiz da Natividade, Irmão do Juiz de Fóra da Ilha de S. Miguel; o qual P., como Procurador da sua Provincia, reside nesta Córte no Convento dos Padres Caetanos.

ceza sua Ama, determinou o mesmo Senhor, que no Domingo 28 lhe fosse fallar, por ser dia livre de despacho, e mais proprio para o receber.

No dia Sabbado 27 huma das Concubinas de Molei Abdessalam pario a bordo huma Menina, a cujo nascimento pertendeo o Arraes que se fizesse alguma demonstração de festejo com salva de artilheria; porém o P. Fr. João dissimulou a pertença do Arraes, e fez que o não entendia.

Como a jornada de Quéluz ficou determinada para o dia 28, na manhã desse dia foi o P. Fr. João de Sousa a bordo do Navio do Arraes, e a horas competentes vierão ambos ao caes de Belém, onde já estavam dous coches a seis, hum para hirem nelle, e outro de Estado. Montarão no mais rico, e tomarão o caminho de Quéluz. No meio do caminho havia muda para ambos os coches; e feita ella, continuarão a marcha.

Ao chegar áquelle Palacio, apeirão-se na entrada principal, e forão conduzidos para a Casa da Musica, onde estava a Côrte esperando para o comprimentar, e assistir até quando S. Alteza o mandasse hir á sua Real Presença. Sendo horas, foi o Arraes conduzido para a Sala do Docél, onde S. Alteza benignamente o recebeo. Depois de ter beijado a mão á Pessoa Augusta do Principe nosso Senhor, e feitos os devidos cortejos, respondeo ás perguntas que o mesmo Senhor lhe fez a respeito da saude das Princezas suas Amas, e no fim entregou a Carta, e papeis de que acima se fez menção. S. Alteza os recebeo, e á sua vista os deo ao Ministro de Estado o Excellentissimo José de Seabra da

Sylva, que alli se achava com o Excellentissimo Marquez de Ponte de Lima; dizendo-lhe, que da sua parte segurasse á Princeza Amina, que todas as pessoas por quem se interessava serião contempladas, por se terem feito dignas da sua Real Protecção.

Desejando o nosso Augusto Principe mostrar ao Arraes a particular estimação que, em attenção da Princeza sua Ama, delle fazia, foi servido mandallo convidar a jantar naquelle Palacio, e determinou que fosse admittido á Meza de Estado. Acabado o jantar, o Gentil-homem da Camara o Excellentissimo Marquez de Tancos o convidou para hir passear á Quinta, e ver os Jardins, e Cascatas: o que tudo vio com summo prazer, e igual admiração.

Sendo horas despedio-se o Arraes das Pessoas que o honrãõ com a sua companhia, montou com o P. no coche, e chêo de satisfação se encaminhou para o sitio de Belém. Alli se embarcou, e foi dar parte ás Princezas da honrosa recepção que tivera, e do que vira naquelle magnifico Palacio, e admiravel Quinta.

No mesmo dia 28 determinárão os Principes nossos Senhores, que a Excellentissima Camareira Marqueza de Lumiães fosse no dia seguinte visitar, e complimentar as Princezas Mauritanas da sua parte (1): e como o P. Fr. João devia acompanhar

(1) A visita que Suas Altezas mandarão fazer ás Princezas Marroquinas foi urdida pelo fino Arraes, que em huma occasião declarou, que, se os Principes nossos

a dita Fidalga naquelle cortejo, o Camarista da semana lhe mandou hum Aviso, para que pelas dez horas da manhã do dia seguinte estivesse no caes de Belém.

A's horas indicadas do dia 29 estando o P. Fr. João no referido sitio, onde se achava hum dos bergantins de S. Magestade prompto para o transporte, chegou a Excellentissima Marqueza em hum coche a seis, e ao mesmo tempo o Conde de S. Lourenço, que por ordem do Principe nosso Senhor vinha para acompanhar a dita Senhora.

Embarcárão todos, e se dirigirão para bordo do Navio do Arraes, que devia tambem acompanhar, como logo fez por estar já avisado, e ter elle sido o mesmo que participou esta noticia ás Princezas suas Senhoras, para que estivessem prevenidas, vestidas, e ornadas. Chegando a bordo subirão todos os acima nomeados. A visita foi recebida sobre a tolda da pôpa do Navio, que estava alcatifada; e para não serem vistas, tinham mandado pôr huma vella, fazendo divisão junto do mastro do meio de hum a outro lado do Navio: e a abertura que servia de entrada por hum dos lados estava guardada pelo Eunuco.

Entrou unicamente a Excellentissima Marqueza, e os mais ficarão da parte de fóra. Os

Senhores as mandassem visitar, e convidar por alguma Senhora da Côrte, para que desembarcassem, não deixarião as Princezas de aceitar o convite de Suas Altezas: o que com effeito assim aconteceu; porque daquella visita resultou a certeza do desembarque que depois se fez.

primeiros cumprimentos, e saudações se fizeram por acenos. Veio depois a Marqueza com huma das Camareiras Mouras junto do panno que servia de divisão, e da parte de dentro se derão os recados ao P. Fr. João, e este da parte de fóra os repetia no idioma Mourisco á Camareira das Princezas; a qual os levava a suas Amas, e trazia juntamente a resposta. Durarão estas mensagens por algum espaço de tempo, e a boa da Fidalga em pé junto do panno. Finalizados os recados, foi S. Excellencia sentar-se ao pé das Princezas, e descansar da grande fadiga que teve: e bem se póde crer a mortificação que aquellas Senhoras terião nessa occasião, sem se entenderem de parte a parte.

No fim da visita fez significar áquellas Princezas o grande desejo que os nossos Principes, e Senhores tinhão, que ellas desembarcassem, e descansassem por alguns dias da sua longa viagem; ao que responderão, que a decisão daquelle ponto o deixavão á disposição do Arraes seu conductor, a quem forão entregues, e que dellas era responsavel. Vencida a difficuldade por esta parte, e dando o Arraes a certeza de que sem dúvida desembarcarião, despedio-se a Marqueza, e foi para bordo do outro Navio em que vinha a Viuva do Imperador velho, para igualmente a cumprimentar da parte dos Principes nossos Senhores, por assim lhe ter sido ordenado: o que se não effeituou, por estar a dita Viuva com molestia. Concluida a commissão, voltou a Marqueza para o caes, montou no coche, e se recolheo a Quéluz, a dar parte a Suas Altezas da certeza que acabava de receber a respeito do

desembarque ; o qual se fez no dia seguinte 30 de Julho para o Palacio das Necessidades.

NA manhã do sobredito dia estando tudo disposto , e as ordens passadas em quanto aos coches , e embarcações , e o Palacio das Necessidades preparado para nelle serem recebidas ; foi S. Alteza servido nomear ao seu Gentil-homem da Camara o Excellentissimo Conde da Ega (em lugar do Conde de S. Lourenço , que se achava molesto) para acompanhar aquellas Senhoras , e hir todos os dias de manhã e de tarde saber dellas da parte dos Principes nossos Senhores : o que este Fidalgo fez em todo o tempo até o dia do seu embarque . Devendo pois ser feito o desembarque pelas cinco da tarde , segundo as horas dadas , veio a fazer-se muito depois , não obstante o estarem já promptos no terreiro de Belém outo coches ricos , e dez seges : huma Companhia de Cavallos , e outra de Infantaria postadas , guardando o sitio mais proximo , e entrada do caes , e para conterem o povo que estava immenso esperando , para ver aquella função nunca vista , nem esperada .

No caes achava-se a Galiota de vidros , e os dous bergantins de Sua Magestade , cinco escaleres da Ribeira , e o da Náo S. Antonio , que de frente estava fundiada ; tudo para o transporte daquellas Princezas , sua Familia , e Comitiva . O Principe nosso Senhor tinha dado ordem que as embarcações não largassem do caes , em quanto elle não estivesse já na varanda do Jardim para as ver passar .

Acabando

Acabando S. Alteza de ver manobrar hum dos Regimentos do Porto, chegou á varanda, e immediatamente largarão as embarcações do caes, tomando cada huma o Navio que lhe era destinado. A Galiota, e hum dos bergantins forão para bordo das Princezas com alguns escaleres, por ser a Família ahi em maior numero.

No acto do desembarque das Princezas, a Torre de Belém lhes deo huma salva de vinte e hum tiros. A mesma salva deo a Náo Santo Antonio, e os dous Hiates de S. Magestade. E á proporção que hião chegando ao caes, e desembarcavão, se hião mettendo nos coches que a cada huma das pessoas era destinado. Como vinhão com as caras tapadas, e erão guiadas pela mão do Eunuco, e do Arraes, como cegas, foi esta a causa toda da demora, e de se vir a fazer mais tarde do que se tinha determinado; durando a conducção das 221 pessoas, que tantas erão, até á meia noite, e meia hora; o que tambem deo causa a hum furto que se fez a huma das Princezas (1).

(1) Tendo cada huma das Princezas, depois de se ornar a bordo, entregado á sua Escrava o resto das suas joias para lhas trazer, huma Escrava da Princeza Amina, que trazia a caixa dos aderesses da sua Senhora, chegando tarde ao Palacio das Necessidades, e não sabendo ainda o Quarto da sua Ama, se sentou na escada, e adormeceu tendo a caixa junto de si; porém quando a vierão chamar, procurou a dita caixa, e a não achou. Divulgou-se no dia seguinte a noticia do roubo, e logo se mandou pelos Ministros dos Bairros fazer a diligencia por descobrir o author, mas não foi possível apparecer até ao dia da sua partida desta Côrte.

Mettidas as Princezas, e mais pessoas principaes da sua Comitiva nas carruagens competentes, marcharão para o Palacio das Necessidades, levando a Companhia de Cavallos adiante, e aos lados dos coches. A' porta do Palacio, e lugares mais necessarios, se lhes mandou pôr guarda de huma Companhia de Infantaria; a qual todos os dias era mudada, e se lhes conservou no decurso do tempo que aqui estiverão.

Como os nossos amaveis Principes procuravão por todos os modos obsequiar aquellas Princezas, determinarão mandar no dia seguinte comprimental-las pela Excellentissima Marqueza de Lumiares, e significar-lhes da parte dos mesmos Senhores o quanto desejavão dar-lhes todas as demonstrações de amizade. Este Regio obsequio se fez constar ás Princezas Mauritanas antecipadamente, as quaes sensiveis a tantas honras que Suas Altezas lhes fazião, com muito gosto esperarão a mencionada visita.

Pelas quatro horas da tarde do dia 31, de Julho, chegou aquella Senhora em hum coche a seis urcos, e logo foi conduzida ao Quarto das Princezas, que a cumprimentarão, e recebêrão com muito agrado. Os primeiros cortejos forão por acenos. A estes seguirão-se os da parte de Suas Altezas, que forão repetidos pelo P. Fr. João de Sousa á Camareira Mourisca, e por esta era trazida a resposta, que o dito P. repetia á Excellentissima Marqueza. Acabados os cumprimentos deste modo feitos, despedio-se a Marqueza, e recolhendo-se ao seu coche, nelle voltou para Quéluz.

Na conferencia que naquella noite entre as Princezas houve, assentáráo, que devião mandar as suas duas Camareiras, a agradecer a Suas Altezas Reaes a distincta honra que na visita do dia antecedente lhes fizerão. Communicada esta resolução ao Arraes, e ao P. Fr. João de Sousa, para que elle a desse a saber a S. Alteza, sem demora se passarão as ordens para hum coche a seis, em que pelas dez horas do dia 1. de Agosto montou o Arraes, e o P., e as duas Camareiras, que estavam ricamente vestidas, e ornadas com muitas joias proprias, e de suas Amas, e se encaminharão para Quéluz. No caminho havia muda para o coche, e feita ella continuarão a marcha.

Logo que chegarão áquelle Palacio, forão conduzidas á Sala da Musica, onde a Côrte, e Criados da Casa os esperavão. Alli estiverão em companhia da Excellentissima Marqueza de Lumiares, em quanto a Princeza nossa Senhora se dispôs para as receber no seu Quarto, tendo junto de si a sua Filha a Serenissima Princeza da Beira. As Camareiras Mouriscas forão recebidas com assentos de Almofada. Depois de beijarem a mão ás Princezas Mai e Filha, derão a S. Alteza o recado de suas Amas, e da parte das mesmas lhe agradecerão toda a honra, e obsequio que S. Alteza tinha praticado com ellas. Feito aquelle cortejo, e respondendo a algumas perguntas que a Princeza nossa Senhora lhes fez, beijarão-lhe segunda vez a mão, e passarão ao Quarto da Senhora Princeza D. Maria Benedicta, que as recebeu com igual agrado, e cerimonia.

Dalli forão conduzidas ao Quarto da Senhora Infanta D. Maria Anna, onde pouco tempo estiverão, por estar a dita Senhora molestada; e para lhe não servirem de incommodo lhe fizerão os devidos cortejos, e beijando-lhe a mão se retirarão para o Quarto do Senhor Infante D. Pedro Carlos, a quem beijarão a mão, e aonde tambem, pelo susto que aquelle Senhor mostrava ter, por ser a primeira vez que via semelhante gente, e trages, pouco tempo se demorarão.

Concluidos os cumprimentos das Senhoras, appareceo-lhes o Principe nosso Senhor, a quem beijarão a mão, e derão a S. Alteza as recomendações, e agradecimentos da parte das Princezas suas Amas. Depois de lhes perguntar pela saude das ditas Princezas, e ellas Camareiras responderem ao obsequio de S. Alteza, o mesmo Senhor as convidou para que fossem passear á Quinta; honra que ellas de boa vontade aceitarão, a cujo passeio S. Alteza foi servido de as acompanhar. Tudo virão com grande admiração, e não só lha causou a magnificencia, e grandeza daquella Quinta, Jardins, e Cascatas, mas sobre tudo a affavel bondade do Principe nosso Senhor, e do seu agradavel, e familiar modo.

No fim do passeio S. Alteza lhes fez a offerta de jantarem naquelle sitio, graça que ellas não aceitarão, por lhes ser preciso voltarem a tempo para ministrar o jantar a suas Amas: e como fossem horas de se retirarem, agradecerão a S. Alteza as honras, que lhes havia feito da sua Real Companhia, beijarão-lhe novamente a mão, e se

recolhêrão para o Palacio das Necessidades , aonde chegarão pelas duas da tarde .

Na volta para casa , não constou a sua conversação , senão das maravilhas que tinham visto no Palacio , e Quinta , e do particular agrado das Pessoas Reaes . Soube-se , que fizeram o mesmo depois que chegarão a casa , fallando só no bom modo que acharão na Real Familia , na honrosa recepção que lhes fizeram , e na magnificencia daquelle Palacio , e Quinta ; persuadindo suas Amas , que fossem ver o que nunca virão , nem verião .

Além destas persuasões das Criadas , se fez saber áquellas Princezas , que devião hir a Quéluz visitar , e agradecer a Suas Altezas a boa hospedagem que lhes fizeram , e que de outro modo parecia huma especie de ingratidão depois de chegarem á Côrte de huns Principes amigos , com quem tinham paz , e serem seus hospedes , não os visitarem , nem agradecerem tantos obsequios , maiormente tendo Suas Altezas Reaes tanto gosto de as ver , e complimentar .

Estas , e outras razões com effeito as convencêrão , (1) e esquecidas do seu inviolavel costume

(1) Sobre a hida destas Princezas a Quéluz , teve o Arraes sua repugnancia no principio , dizendo , que podia aquella visita fazer-se por hum encontro na Quinta do Meio , vindo Suas Altezas de Quéluz , e as Princezas das Necessidades , e na dita Quinta encontrarem-se , e complimentarem-se , e que deste modo ficarião todos bem , e não se obrigarião depois a pagarem visita huns aos outros ; porém no fim tudo se venceu , com a sua hida a Quéluz .

de se não deixarem ver de homem algum sem ser seu marido , ou Eunuco , condescendêrão com a vontade das pessoas que lhes fazião as instancias , e determinárão a sua hida , para quando Suas Altezas o mandassem .

Com esta certeza foi o P. Fr. João a Quéluz , e deo parte ao Principe nosso Senhor da resolução das Senhoras Africanas sobre a hida áquella Casa de Campo . Determinou então o mesmo Senhor , que a visita fosse no dia Sabbado tres de Agosto , e ordenou , que fossem mostrar ao dito P. algumas Casas das que estão na Quinta , para ver qual dellas seria propria para a primeira recepção daquellas Senhoras . Vistas as Casas dos Espelhos , a de cima do Lago , e a do Jardim Botânico , só esta lhe pareceo mais proporcionada , por ser retirada , e o Jardim fechado com cancellos .

Escolhida a Casa , voltou o P. Fr. João de Sousa para o Palacio , e deu parte a S. Alteza da escolha , a qual o mesmo Senhor approvou para o que pertencia ao primeiro repouso das ditas Senhoras , pois para o descanso de todo o dia tinha aquelle Senhor determinado que fosse na sua propria Sala do Docél , e Despacho .

Isto concluido voltou o P. para o Palacio das Necessidades . Nesse dia amanheceo a Concubina , que tinha parido a bordo , gravemente doente , por cujo motivo foi S. Alteza servido mandar , que o Medico da sua Real Camara Francisco José de Aguiar lhe fosse assistir , e ás demais enfermas , que naquella Comitiva havia : o que o

dito Medico fez , até que por ultimo falleceo a Concubina de sobre-parto .

No dia de 6.^a feira , dous de Agosto , se passarão as ordens para os coches , e carruagens , como tambem para a Companhia de Cavallos , que devia acompanhar esta Comitiva . Pouco depois da meia noite do dia seguinte Sabbado , chegarão sete coches , e outo seges , e ao mesmo tempo a Companhia de Cavallos . Pelas duas e meia montarão as Princezas ; o Arraes ; o Excellentissimo Conde da Ega ; o Secretario ; o P. Fr. João ; o Eunuco , e o resto das pessoas destinadas , e se pozerão a caminho , chegando a Quéluz antes de nascer o Sol ; achando a porta de ferro já aberta , e hum dos moços , a quem foi incumbida aquella diligencia , prompto para os encaminhar á Casa do Jardim que se lhes tinha destinado para nella descançarem , e alli almoçarem , antes de serem conduzidas para o Palacio .

A' proporção que as Princezas se hião apeando , mandavão-se sahir os coches fóra da Quinta , e ellas erão encaminhadas para o Jardim Botânico , guiadas pelo Eunuco , e Secretario . Recolhidas com suas criadas no Jardim , fecharão-se os cancellos que forão guardados pelos mesmos dous . Passou o Arraes , o Excellentissimo Conde da Ega , e o P. Fr. João ao Palacio a verem a Sala para onde devião hir , e examinarem se por alguma parte podião ser vistas , ou devaçadas . Feita a vistoria , resolveo-se o Arraes a mandallas conduzir para a Sala destinada , antes que a Familia da Casa Real estivesse levantada , e as janellas do Palacio abertas , a fim tudo de não serem vistas .

Antes de sahirem as Princezas do Jardim mandou-se explorar a Quinta, e entre as murtas, para ver se algum dos criados estaria escondido; e feito o exame, se mandárão sahir, deixando a mais Familia no Jardim. O Arraes, o Excellentissimo Conde da Ega, e o P. hião adiante para lhes indicar o caminho, mas em grande distancia, não obstante o virem com as caras tapadas, e acompanhadas do Eunuco. Introduzidas em fim nas Salas destinadas para o seu descanso, se pozerão á sua vontade.

A horas do almoço veio a Excellentissima Marqueza de Lumières complimentallas da parte de Suas Altezas, em quanto a Princeza nossa Senhora não as vinha obsequiar. O Principe nosso Senhor como já estava levantado as mandou visitar, e saber como tinhão chegado. Administrou-se o almoço, que constou de café com leite, xá, e pão com manteiga, tudo com abundancia, e muito aceio. Mandárão a esse tempo vir as Criadas que tinhão ficado no Jardim, para que participassem do mesmo almoço, que se lhes ministrou.

A esse tempo chegou a Princeza nossa Senhora, e logo mandou chamar ao P. Fr. João de Sousa, e por elle fôrão dados os primeiros complimentos, e recados para as Princezas Mauritanas, os quaes erão pelo dito P. dados a huma das Camareiras Mouriscas, e esta trazia os agradecimentos, que o mesmo Religioso participava a S. Alteza. Acabados por este modo os primeiros cortejos, entrou a Princeza nossa Senhora, e continuá-
rão

rão as saudações por acenos. As visitas que a Princeza nossa Senhora fez ás suas hospedas, forão repetidas, e igualmente as da Camareira Marquiza de Lumiães.

Antes do jantar veio a Serenissima Senhora Princeza D. Maria Benedicta comprimentar Suas Altezas Marroquinas, e feito o seu obsequio se retirou. As Damas, e Açasafatas fizerão tambem suas visitas, contentando-se em ver sómente aquellas Princezas, seus trages, e adornos.

Como Suas Altezas Reaes tinhão dado ordem, que se fizesse o jantar para as Princezas, e sua familia, foi o P. Fr. João de Sousa chamado pelo bom velho Agostinho, para que lhe desse noção dos manjares, e qualidade de pratos que se devião fazer; o feitio da meza, e o modo de ser servida. Dada a necessaria informação, e feito o jantar, mandou-se pôr a meza na Sala immediata áquella, onde ellas estavam.

A meza era quasi rasa, que de proposito se mandou fazer. Cobrio-se com panno de damasco por cima, e de roda. Pozerão-se almofadas de damasco á roda da dita meza, para lhes servirem de assentos. Servio-se o jantar, e se lhe pôz o desser juntamente com elle, por ser este o seu costume. Estando o jantar todo na meza, e mandando-se sahir os criados Portuguezes para fóra daquella casa, disse o P. a huma das Camareiras, que chamasse suas Amas para a meza, e que as servissem ellas. O Eunuco ficou á porta fazendo o seu officio.

Ao jantar das Princezas hospedas assistio a

Princeza nossa Senhora , e sendo por ellas convidada , não aceitou o convite , com o pretexto de que o Principe nosso Senhor a esperava para jantarem ambos . Acabado o jantar das Princezas , (1) seguiu-se o das Criadas , que o fizeram sem se renovar a meza , por se ter servido com abundancia .

Acabada a segunda meza entráráo os criados da Casa , e a levantáráo , assim como todo o trem , que era de prata ; não sendo pouca a admiração que lhes fez a grandeza do serviço della . Estando a casa do jantar desembaraçada , mandou-se vir o café , que tomáráo .

(1) No acto de jantar daquellas Princezas se observou , que a principal entre ellas não comia pela sua mão , mas outra das suas companheiras lhe mettia o comer na bocca . Isto assim dito pareceria incrível , porém quem fôr sciente dos costumes Orientaes , e Africanos , não duvidará da verdade deste facto . He costume pois naquelles Paizes , nas bodas dos casamentos , ás quaes são convidadas as parentas , e amigas , não comerem as noivas pela sua mão ; mas alguma das parentas mais chegadas lhe mette o comer na bocca ; e nesta cerimonia affectão a sua modestia , e gravidade ; por cujo motivo usão de hum dito todas as vezes , que em qualquer meza se vê huma pessoa com modestia , nada pedindo , esperando que lhe offereção de qualquer prato ; *Tu estás á meza como se fosses noiva* . E como a nossa Augusta Princeza se achava presente quando ellas jantavão , quiz a Princeza Amina verificar aquelle dito na sua pessoa , não comendo pela sua mão , mas consentindo que huma das suas companheiras lhe mettesse o comer na bocca , mostrando naquella acção a sua gravidade , e costume do seu Paiz ; quando ella não mais occasiões sempre come pela sua propria mão .

Seguiu-se depois disto a repartição dos presentes, com que Suas Altezas Reaes brindáráo as suas hospedas, (1) os quaes ellas de boa vontade aceitarão com demonstração de muito agradecidas a quem assim as beneficiava. De tarde convidou-as a Princeza nossa Senhora para hirem passear á Quinta, e a mesma Senhora as acompanhou, montando primeiro a cavallo para ser vista por ellas. O passeio não foi extenso por estar aquella tarde de muito vento.

(1) Constava o presente, que as nossas Princezas derão ás Marroquinas, do seguinte: relógios de ouro, com cadêas do mesmo metal com aguas marinas, e brilhantes: peitilho de grisolitas: caixas de ouro chêas de aljofres: aneis, brincos, e botões de camafeos, e granadas: presilha com tres pedras azuis, e brilhantes: e leques magnificos. A cada huma das Princezas se deo o mimo separado, e segundo a qualidade de sua pessoa.

As duas Camareiras Mouriscas se derão humas enfiadas de coral, candenas, e toribulos de ouro, e leques; e na despedida 60 pezos duros a cada huma. Ao Ar-raes huma bengalla, que tinha dentro huma espingarda, pistola, e bahuneta, que tudo se mostrava por certas molas; feita na Fundição. Deo-se tambem hum rico alfange guarnecido de ouro, e pedras finas, e hum par de pistolas pequenas. Ao Secretario se deo hum rico annel com hum topasio encarnado, e mais hum par de pistolas.

Ao Eunuco derão-se cento e vinte pezos duros para comprar hum cavallo, que elle pedio ao Principe nosso Senhor. Além do que fica referido, derão-se, quasi a todos, caixas para tabaco, e outras cousas miudas de igual valor.

Recolhidas as Princezas a casa , offereceose-lhes xá , que tomárão . Sendo horas de luzes , mandárão-se illuminar as casas de Vidros , a da Musica , e a outra immediata , e depois forão as Princezas Marroquinas convidadas para as verem , e as acompanhou a Princeza nossa Senhora , a sua Camareira , e outras Fidalgas . E como passassem pelo Quarto da Senhora Princeza D. Maria Benedicta , as acompanhou tambem , para não faltar a este ultimo obsequio .

Não foi pequena a admiração das Princezas Marroquinas , quando virão a magnificencia das ditas Salas illuminadas , cuja vista se fazia tão agradavel , e brilhante ; então se lembrárão do quanto as suas Camareiras lhes havião exaggerado a grandeza daquelle Palacio , e seu magestoso ornato . Finalmente chêas de gosto , e admiração , e muito agradecidas , se despedirão de Suas Altezas Reaes , e Fidalgas que as acompanhavão , mettêrão-se no Jardim nos coches que se mandárão chegar áquelle sitio , e pelas nove horas se retirárão para o Palacio das Necessidades , tomando o caminho dos Sete Rios , e chegarão ás onze .

Como o Domingo 4 de Agosto era o outavo dia do nascimento da Princeza Fadaila , Filha de Molei Abdessalam , e da Concubina que pario a bordo , quizerão as outras Princezas festejar aquelle dia , segundo o costume de seu Paiz , e pôr á recém-nascida o nome que devia ter . Consistio aquelle festim em varias cantigas , danças , e enfeites de mãos , que se fizerão com certa massa de varios ingredientes amassados com agua rosada , o que

tudo por Manoel de Pontes fora mandado buscar. No fim do festim trouxerão a criança para o regaço da Princeza Amina, e esta lhe gritou aos ouvidos por tres vezes, dizendo » Fadaila, Fadaila, Fadaila » (que significa Virtude).

Determinado estava o embarque destas Princezas para o dia segunda feira 5 do presente mez de Agosto, porém como a Concubina enferma se achou nelle gravemente doente, differio-se para quando estivesse em termos de se poder trãsportar. O mal foi crescendo, e por fim falleceo junto ao meio dia da 4.^a feira 7 do mez, tendo morrido outra velha na madrugada do mesmo dia 7; a qual por isso se enterrou primeiro, sendo levada pelos Mouros, e sepultada nas terras por cima da Horta Navia.

Pouco depois do meio dia chegarão ao aposento do Arraes o Doutor Joaquim Xavier da Sylva Medico da Camara de S. Magestade, e o Cirurgiãõ Antonio Martins Vidigal, os quaes vinhão da parte do Principe nosso Senhor visitar a Concubina enferma, e examinar o estado da sua molestia; e tendo elles a noticia de que era fallecida, quizerão que aquella sua visita constasse ás Princezas, o que logo se lhes participou. As mesmas Princezas mandarão pelos referidos Medico, e Cirurgiãõ agradecer a S. Alteza o seu Real Cuidado, e o particular obsequio que lhes fazia: e que tanto aquella, como as demais graças que o seu Magnanimo Animo com ellas tinha dispendido, as conservarião perpetuamente na sua lembrança. Logo que se acabou o enterro da velha, se cuidou no funeral

da Concubina, que por tanto se lhe fez com mais fausto, e grandeza. Tanto que falleceo mandárão logo buscar a bordo huma fina, e rica manta das suas próprias, para nella ser amortalhada segundo o seu costume (1).

Mandou-se-lhe fazer hum caixão com tampa, sem ser forrado por dentro, nem por fóra, e o fundo era de travessas affastadas humas das outras por modo de grades. Tambem se lhe fez hum estrado de oito palmos de comprido, e largura proporcionada para sobre elle ser lavada segundo suas ceremonias. Duas vezes foi o cadaver lavado: a primeira com agua morna, e hum pouco de assucar; a segunda com agua rosada, e agua de flor misturadas com beijuim, páo sandalo em pó, murta, mangerona, e mangericão, tudo misturado.

(1) O costume entre os Africanos he ser a mulher de dote, Legitima ou Concubina, amortalhada em fato seu, ou comprado com o dinheiro do seu proprio dote, do qual sahe toda a mais despeza do funeral. A mulher de dote verdadeiramente, he aquella que se recebe com a cerimonia da Lei Mahometana. O recebimento he feito por ajuste entre os Pais dos Noivos na presença do Ministro da Lei; o qual faz assento do contrato contrahido na sua presença, como tambem do dote que o marido promette dar á sua mulher, o qual se lhe paga quando he repudiada, ou morre; para ter com que se sustente no primeiro caso, e no segundo com que ser amortalhada, e dar esmolos aos pobres. As Concubinas de ordinario são escravas, ou raparigas offerecidas por seus Pais a qualquer Principe, ou Grande; desta segunda qualidade de mulheres ha Concubina de dote, e a que assim he sempre he valida, e mais estimada.

Feita esta lavagem , taparão-lhe as vias , ouvidos , e narizes com algodão em pasta embrulhando nelle pedaços de alcanfor . Depois desta cerimonia , vestirão-na de camiza , calças , e gibão brancos . Por cima desses , outros de cassas , e por ultimo embrulhada na manta rica em que foi cozida .

Junto ás oito horas da noite foi levada aos hombros de quatro Mouros , acompanhada de outros , e de algumas Criadas das Princezas , que hião a traz do corpo chorando , e lamentando aquella defuncta . O Secretario Mouro fazia as vczes de Ministro da Lei nas Ceremonias da sua Religião .

A guarda dos soldados Portuguezes os foi acompanhar , para evitar toda a desordem que podesse haver da parte do nosso povo . Dado o corpo á sepultura depois de muitas orações que fizerão , deitárão agua á roda do caixão , e cada hum dos Mouros huma mão cheia de terra sobre o mesmo caixão , e por fim o cobrirão de terra : e voltárão para casa levando suas pedradas dos rapazes , e povo , não obstante a guarda que os acompanhava ; além de outra de Cavallaria , que o Excellentissimo Marquez de Marialva , que nessa occasião se achava no Quarto do Arraes , mandou vir do seu Regimento de Alcantara .

Não havendo já molestia que servisse de impedimento ao embarque das Princezas , se lhes fez saber , que achando-se huma Náo de S. Magestade preparada , e prompta a sahir deste Porto , e dezejando S. Alteza , que o seu transporte fosse com toda a segurança , em hum tempo em que quasi todos os Principes da Europa se achavão envol-

vidos em guerra, lhes mandava fazer a offerta daquella Náo até ao Porto de Tangere, e que se mandaria demorar, quando não estivesse determinada ainda a sua viagem.

As Princezas estimarão este offerecimento, não obstante o tratamento que na sua hospedagem experimentavão. O Secretario porém levado do seu fanatismo impugnou, dizendo, que as Princezas não devião embarcar na 6.^a feira que era o terceiro dia do obito da Concubina, em que devião repetir as ceremonias sobre as sepulturas das duas defunctas.

Não era tanto este acto de Religião, quem fazia a repugnancia do Secretario, como ter-lhe constado por alguns Mouros, que de tempos em tempos hião vigiar as sepulturas das defunctas, (1) que em huma das occasiões encontrárão alguns rapazes fazendo cousas indecentes sobre ellas.

O Arraes, que percebeo o motivo do Secretario, pedio, que se lhes mandasse fazer huma pequena parede á roda das sepulturas, e lhas cobrissem por cima com huma especie de abobeda para maior decencia, o que logo se mandou fazer, para não terem os Mouros motivo de dissabor, nem deixassem de embarcar por esta causa.

(1) Como em Africa ha certos homens a que chamão *Nabbaxin*, que costumão desenterrar os defunctos, para lhes roubar as mortallas; por este motivo hião os Mouros de tempo em tempo vigiar as sepulturas das Mouras, parecendo-lhes que entre nós haveria dessa qualidade de gente; por isso ficárão elles mais satisfeitos quando se lhes mandou fazer a obra da parede, tanto pela segurança, como para a decencia.

Resolvidas ultimamente as Princezas a embarcar no dia 5.^a feira 8 de Agosto, derão-se as ordens para as carruagens, e embarcações para aquelle fim. Na manhã da mesma 5.^a feira se fez embarcar toda a Familia desnecessaria, nas escadas da Pampulha por lhes ficar aquelle sitio perto de casa; e á proporção que se embarcavão, hião para bordo dos seus respectivos Navios.

Mandou-se nesse dia apromptar o jantar das Princezas mais cedo, para terem tempo de se vestirem, e prepararem. Junto ás oito horas da noute se achavão dentro do pateo seis coches, e algumas seges para o transporte do resto da Familia que ficou; e tambem a Companhia de Cavallos que devia escoltar os coches, na mesma conformidade do dia do desembarque.

Montarão as Princezas, e mais Familia, como tambem as pessoas que as acompanharão, muitas vezes repetidas nesta Relação, e se encaminharão para o caes de Belém. No largo daquelle sitio se tinha mandado armar huma grande barraca de campanha, para nella descansarem as Princezas em quanto se não ajuntavão todos, e repartião pelas embarcações, que devião levar cada humas a bordo do Navio que lhes competia.

Alguma demora houve no embarque, por estar a maré muito vasia, e as Galiotas, e bergantim não poderem bem chegar ao caes. A penas deo lugar, embarcárão por sua ordem, e forão pernouar a bordo dos Navios em que devião passar ao seu Paiz.

No dia seguinte 6.^a feira nove de Agosto

pelas tres da tarde, quando a maré começava a apontar, fez a Náo Meduza (1) sinal com hum tiro de peça da sua artilheria, para que os mais Navios se fizessem á vella. A Náo foi a que primeiro largou o panno, e logo o Navio em que hião as Princezas; depois deste o outro que pertencia aos Mouros; e por ultimo aquelle em que vinha o Arraes. Ao passar pela Torre de Belém, esta salvou as Princezas com 21 tiros. A Bateria nova, e a Torre de S. Julião lhes derão iguaes salvas.

No decurso do tempo que as Princezas Mauritanas estiverão nesta Côrte, forão visitadas por varias Senhoras da primeira Grandeza, assim a bordo, como no Palacio das Necessidades. Ellas muito se lisongeavão com as suas visitas, ainda que bem conhecião que erão feitas mais por curiosidade, do que por afeição; posto que em algumas Senhoras achárão tudo o que he de huma verdadeira amizade, chegando a apparecer-lhes no caes de Belém no acto de embarcar, para lhes darem as ultimas saudações.

(1) A Náo era commandada pelo Chefe de Divisão Pedro de Maris de Sousa Sarmento.

LISTA DOS NOMES DAS PRINCEZAS AFRICANAS , E DO NUMERO DA COMITIVA .

Mulher do Principe Abdessalam .

LAILA AMINA .

Filhas do mesmo Principe , mas de diferentes mãis .

Laila Rabiha .
Laila Zobeida .
Laila Aixa .

Filhos do dito Principe , e de diferentes mulheres .

Molei Abbas .
Molei Aly .

Concubinas do dito Principe Abdessalam .

Laila Mequeltum .
Laila Raxida .
Laila Hania .
Laila Meliha . (Esta era a mais valida .)
Laila Aixa . (Falleceo aqui .)
Laila Rabha .
Laila Ania . *
Laila Rabaha .
Laila Zaida .

Filha de Molei Eliazid.

Laila Mequetum.

Mulher Viuva de Eliazid.

Laila Embarca.

*Mai de Laila Ania. **

Laila Chatun.

Viuva do Imperador Velho.

Nana Rabû.

Duas Camareiras, Zahra, e Maulat.

Hum Eunuco.

Hum Arraes conductor.

Hum Secretario.

Hum preto Porteiro, que faz as vezes do Eunuco.

Dezesete Criadas Musicas.

Trinta Criados.

Dezesete mulheres dos Criados.

Cento e dezenove Escravos, Escravas, e Filhos.

Onze passageiros Mouros.

Hum Judeo, e huma Judia amiga do Arraes.

» Nesta Comitiva vinha huma rapariga
» Georgeana, casada com o preto Porteiro, e
» outra Moura Filha de Irlandez arrenegado.

Faz o numero total 221. pessoas.

F I M.